

Ano IV - nº 31
18 de Agosto 2010

folhaliterária

ESPECIAL

A PRESENÇA DE DAMIÁRIO

Foto: Acervo Pessoal de Damário Dacruz



Todo Risco

Damário Dacruz

A possibilidade
de arriscar
é que nos faz homens.

Voo perfeito
no espaço que criamos.

Ninguém decide
sobre os passos
que evitamos.

Certeza
de que não somos pássaros
e que voamos.

Tristeza
de que não vamos
por medo dos caminhos.

Do livro *Todo Risco - o ofício
da paixão* (Versarte Editora, 1993).



Imagem: Divulgação

DESTAQUES

Artigo

Jorge Ramos fala sobre a resistência da *Irmadade da Boa Morte*, ícone consagrado da cultura afrobrasileira.

Pág. 2



Imagem Reprodução: Detalhe de desenho realizado sobre foto de Adenor Gondim - Cachoeira BA

Entrevista

Coordenador da *3ª Feira do Livro de Feira de Santana*, Genival Corrêa fala as novidades deste ano e sobre o mercado editorial baiano.

Pág. 3

Literatura

Autores baianos premiados participam de edição especial do *Seminário Novas Letras*, durante a programação da 3ª Feira do Livro de Feira de Santana.

Pág. 4

editorial Prof. Ubiratan Castro

A Folha Literária deste mês presta homenagem ao poeta baiano Damário Dacruz. Divulgador da sua própria produção literária, a exemplo do pôster-poema *Todo Risco*, seu texto mais famoso, Damário faleceu no dia 21 de maio em plena produção. Deixou saudades em todos que o conheceram mais de perto, aqueles que tiveram a oportunidade de trabalhar com ele e de compartilhar com suas experiências poéticas. Seu livro inédito, *Bem que te avisei*, será lançado em breve pela Fundação Pedro Calmon.

Outro destaque do mês é a presença da Secretaria da Cultura e da Fundação Pedro Calmon na Bienal do Livro de São Paulo e na III Feira do Livro de Feira de Santana. As programações voltadas para a valorização do livro e da leitura nos referidos eventos têm como principal objetivo a divulgação da produção literária de autores baianos. Em Feira de Santana, o público terá a oportunidade de assistir ao *Seminário Novas Letras* com os autores premiados nos editais da SECULT/FPC: Lília Gramacho, Kátia Borges e Márcio Matos.

A Folha Literária não poderia deixar de destacar também as homenagens à Nossa Senhora da Boa Morte. Ícone de Cachoeira, o culto à Santa da Ascensão é uma tradição popular que remonta há séculos, e é realizada anualmente no mesmo período, em agosto. Caracteriza-se pela mistura de elementos da fé católica e do candomblé. Todos os anos, a cidade se prepara calorosamente para receber seus devotos e os visitantes que prestigiam a festa.

expediente

A **Folha Literária** é um informativo produzido pela Assessoria de Comunicação e pelo Núcleo Livro, Leitura e Literatura da Fundação Pedro Calmon / Secretaria de Cultura, em parceria com a Empresa Gráfica da Bahia (Egba).

Diretor Geral (FPC) Ubiratan Castro Araújo
Diretor Geral (Egba) Luiz Gonzaga Fraga de Andrade

Coordenação editorial Lúcia Carneiro, Mayrant Gallo, Graça Câmara e Jorge Lavigne (NLLL)

Jornalista Responsável André Santana DRT/BA 2226

Arte e Diagramação Lucas Queiroz

Projeto Gráfico P55 Design / www.p55.com.br



Para críticas e sugestões, entre em contato conosco pelos telefones: (71) 3116-6918/6919/6676, por fax: (71) 3116-6660 ou por email: ascom.fpc@fpc.ba.gov.br.

Acompanhe também as demais programações da Fundação Pedro Calmon pelo site www.fpc.ba.gov.br

Boa Morte – Exemplo de Resistência

Jorge Ramos. Gerente de Jornalismo da TV Educativa/BA.



Imagem Reprodução: Detalhe de foto de Damário Dacruz - Cachoeira BA

A Festa em louvor a Nossa Senhora da Boa Morte é uma antiga tradição católica e foi trazida ao Brasil pelos portugueses, como todas as demais manifestações dessa religião, durante a colonização portuguesa. Nela, é cultuado o mito de que Nossa Senhora, por ser a mãe do Filho de Deus, teve a graça de não sofrer uma *morte física*. Ela, adormecida, subiu ao Céu, em corpo e alma, daí o termo *Boa Morte*, por não ter passado pelo sofrimento. A “dormição de Maria” era cultuada na Europa e chegou ao Brasil na época da colonização portuguesa, havendo registros de festas em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, onde foram criadas irmandades que desapareceram ao longo do tempo. Em Salvador havia comemorações com gala e esplendor em várias paróquias e igrejas com a participação predominante de negros escravos, mulatos e artífices.

Os últimos registros da festa, feitos pelo historiador Silva Campos em “Procissões Tradicionais da Bahia”, relata a atuação de uma Irmandade da Boa Morte, com sede na Igreja da Barroquinha, composta por homens e mulheres, predominantemente negros e pobres. Na véspera do dia 15 de agosto o esquife com a imagem de Nossa Senhora dormindo ficava em vigília, com rezas e cânticos, e no dia seguinte havia a solene procissão com outra imagem, a de Nossa Senhora da Glória. Mas nos últimos tempos a festa terminava sempre em bebedeira e algazarra no templo, o que provocou reações iradas de autoridades civis e eclesiásticas. Aos poucos a festa em Salvador foi desaparecendo do calendário litúrgico e da devoção popular.

Não se sabe exatamente quando a devoção à Nossa Senhora da Boa Morte se instala em Cachoeira, mas há evidências de que no início da década de 1820 são iniciadas as comemorações, feitas unicamente por mulheres negras, a maioria escrava. No interior do Recôncavo, a devoção incorpora, fora dos rituais católicos, elementos próprios da religiosidade ancestral africana. O conceito de irmandade deixa de ser puramente religioso e expande-se também para a causa do fim da escravidão. As primeiras irmãs da Boa Morte em Cachoeira, todas devotas da fé católica mas algumas também frequentadoras e até sacerdotisas do candomblé, ajudavam-se mutuamente na conquista da liberdade. Muitas eram ganhadeiras (vendedoras), outras trabalhavam nas casas grandes e uma grande parte teria vindo de Salvador onde trabalhava nos sobrados que os grandes senhores de engenho mantinham na “Bahia”. Juntavam dinheiro ao longo do ano, vendendo doces e quitutes, fazendo bordados e arrecadando meios para promover a festa de 15 de agosto, quando engalanadas com colares e braceletes de ouro e roupas de gala desfilavam garbosamente pelas ruas de Cachoeira nas duas procissões, a noturna da véspera e solene do dia seguinte, em que louvam a Virgem Santíssima. Após as festas, as negras caíam no samba para festejar.

Para a Igreja Católica, a Irmandade nunca firmou o “compromisso” para ser reconhecida como tal segundo os cânones que exigiam o registro de um estatuto. Mas na prática, através da resistência, ela foi se impondo, superando preconceitos numa sociedade conservadora e vem ao longo do tempo mantendo sua majestosa dignidade enquanto um sólido valor etnocultural. Através de quase dois séculos de existência, com as gerações de mulheres negras se sucedendo numa tradição que é repassada muitas vezes de mãe para filha, a Irmandade da Boa Morte chega aos tempos atuais com um ícone consagrado da cultura afrobrasileira, sendo uma testemunha da trajetória e evolução desses valores maiores que estão no centro de nossa formação.

Poemas de Damário Dacruz:

Observação do Tempo

Amanhecemos
com os olhos do amanhã
e o dia é hoje.

Anoitecemos
com os sonhos de ontem
e a noite é hoje.

E de tanta falta
de sintonia,
de tanta busca
e farta agonia
rabiscamos no calendário
a morte dos dias.

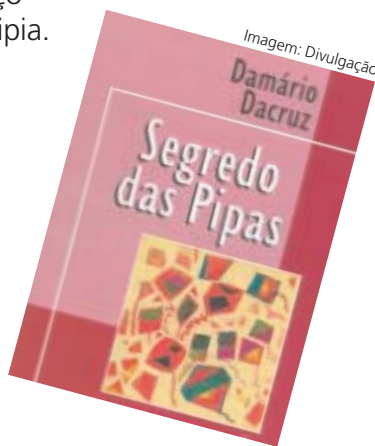
Intenção e gesto

Janeiro
fevereiro
março.

Incense a casa,
chame os astros,
prepare o espaço
que o ano principia.

Janeiro
fevereiro
março.

Corte o laço
que te agonia,
ergue o braço
que te inicia.



Caixa - Preta

Sou um homem.
Portanto,
mais que palavra.

Não pronuncio
o sentimento
apenas como palavra.

O que foi dito
ao entardecer
não se confirma

Dos livros **Segredo das Pipas** (EPP Publicações e Publicidade, 2003) e **Todo Risco – o ofício da paixão** (Versarte Editora, 1993).

Entrevista com o professor Dr. Genival Corrêa de Souza, coordenador da III Feira do Livro de Feira de Santana

Em entrevista, o professor Dr. Genival Corrêa de Souza, coordenador de Extensão da UEFS e coordenador da III Feira do Livro de Feira de Santana - Festival Literário e Cultural falou das principais novidades deste ano, como a mudança do local onde foi realizado as edições anteriores, os encontros com escritores e o papel do editor alternativo. Veja a entrevista completa a seguir.

Quais são as principais mudanças da Feira com relação às edições anteriores?

A terceira Feira do Livro será realizada na Praça João Barbosa de Carvalho (Praça do Fórum). Nas edições anteriores o local foi a Praça da Matriz, a mudança se deu por necessidade de ampliação do espaço da Feira. A Feira incorpora nesta edição o desenho de Festival Literário e Cultural de Feira de Santana com uma densa programação cultural, inclusive com a realização em paralelo do Encontro de Escritores – O Escritor e a Feira I e o Momento de música instrumental - Depoimentos e Canções. O Escritor e a Feira I terá mesas redondas que discutirão “O papel do Editor Alternativo” e “O Evento do Livro na Bahia” com a participação de escritores conhecidos. Neste encontro acontecerá ainda uma oficina de criação literária ministrada pelo escritor Luiz Pimentel, além do lançamento de vários livros.

Qual a importância da Feira para o estímulo à leitura na cidade de Feira de Santana e região?

Em Feira de Santana, assim como em todo o Brasil, se lê pouco, o município não dispunha de um evento mais elaborado de estímulo à leitura e formação de plateias para música e teatro. Neste sentido, a Feira do Livro é de fundamental importância e tende a consolidar-se como um dos grandes eventos da área, na Bahia.

Como o mercado editorial baiano tem se organizado para atrair leitores e promover os autores?

Falando de forma geral, penso que os livreiros, distribuidores e as editoras investem muito pouco

em ações para a ampliação do mercado de livros, contentam-se em atuar considerando apenas o cenário atual, numa situação de baixíssimo risco comercial e numa perspectiva extremamente imediatista, ficam, muitas vezes, à espera apenas dos incentivos governamentais e das ações de instituições como escolas, universidades e outras entidades que fomentam a leitura. Vejam o caso da Feira do Livro de Feira de Santana, temos encontrado dificuldades em atrair livreiros e editoras pelo fato de ser um evento ainda em consolidação e não poder ainda garantir grande retorno em termos de venda. Desta forma, o esforço de formação de leitor e consolidação da Feira do Livro como um evento que possibilite bons negócios fica por conta apenas de recursos públicos e do nosso voluntarismo, de entidades e associações interessados em fomentar a leitura, ou seja, parece que cabe apenas a nós, o investimento para ampliação do número de leitores e, conseqüentemente, a ampliação do mercado de livros.

Qual o público esperado e quais são as estratégias para atraí-lo?

A expectativa é que possamos receber, por turno, 500 visitas de estudantes agendadas previamente e igual frequência da população em geral. O que dá uma expectativa global de público da ordem de 10.000 participantes durante os 05 dias da Feira, o dobro da participação estimada na última edição. Estamos fazendo divulgação nas escolas e na imprensa, em geral, informando da densidade e qualidade da programação cultural, além do acesso gratuito.

A CASA DA LITERATURA

“Nosso foco é a chamada literatura em geral. Primamos pela qualidade, não queremos publicar, por publicar”. É com este princípio que surgiu em 2007 a Editora Casarão do Verbo, sediada no município de Anagé, distante 550 km de Salvador. Fundada pelo escritor baiano Rosel Bonfim Soares, juntamente com duas sócias, Maria do Socorro e Renata Soares, a editora possui seis livros publicados. A antologia de contos **Travessias Singulares: pais e filhos**, organizada pelo próprio editor, reúne histórias que abordam a relação entre pais e filhos, de escritores como Machado de Assis, Nelson de Oliveira e os baianos Hélio Pólvora e Carlos Ribeiro. A Casarão do Verbo publicou ainda: **Inúteis luas obscenas**, primeiro romance do escritor Hélio Pólvora, o recém-lançado **A suave anomalia**, de Márcio Matos, e o romance **Escrevinhações de Samuel, o eterno**, do ator Antônio Calloni. No prelo: **Primavera nos ossos**, de Álex Leilla, e **Sob um céu de gris profundo**, de Tom Correia. Segundo Rosel Bonfim, a editora Casarão do Verbo irá se concentrar, nos próximos anos, na publicação de romances e contos. E revela: “Em 2011, pretendemos começar a publicar quadrinhos também”.



A suave anomalia, de Márcio Matos, pela casarão do Verbo.

/// Feira do Livro, Feira de Santana

SEMINÁRIOS NOVAS LETRAS

Conversa com os Escritores, Autores Premiados. Dia 21, sábado, das 14h às 17h30, na Praça João Barbosa de Carvalho (Praça do Fórum).

Os autores, instigados pelo mediador, falarão de suas carreiras, seus livros, suas escolhas literárias, literatura baiana, literatura brasileira etc., lerão trechos de seus livros e responderão às perguntas da plateia. Ao fim, autografarão os livros para os leitores interessados.

- **Lília Gramacho** (*A menina que não gostava de ler*, Aeroplano);
- **Kátia Borges** (*Ticket zen*, Escrituras);
- **Márcio Matos** (*A suave anomalia*, Casarão do Verbo).

Mediador: Mayrant Gallo (*Nem mesmo os passarinhos tristes*, Multifoco).

LÍLIA GRAMACHO, é escritora, professora e produtora de tevê. Ganhou o primeiro lugar, na categoria infanto-juvenil, do Edital 2008 de Literatura da Secretaria de Cultura da Bahia e Fundação Pedro Calmon, com o livro *A menina que não gostava de ler*. Publicou: *O filho*



Foto: Divulgação

do meio, pela editora Formato (já na 4. edição), e *Camila e o espelho*, pela editora Aeroplano.

KÁTIA BORGES é jornalista, graduada pela UFBA, é jornalista do jornal diário *A tarde*, onde é editora da revista dominical *Muito*, de arte, comportamento e cultura. Publicou: *De volta à caixa de abelhas* (2002), *Ticket zen*, vencedor do Edital 2008 de Literatura da Secretaria de Cultura da Bahia e Fundação Pedro Calmon, e *Uma balada para Janis*.



Foto: Divulgação

MÁRCIO MATOS é professor da Unifacs e chefe de comunicação e imprensa dos Correios e Telégrafos. Estudioso



Foto: Divulgação

de literatura e cinema, ganhou o Edital 2008 de Literatura da Secretaria de Cultura da Bahia e Fundação Pedro Calmon, com o romance *A suave anomalia*, recém-publicado pela editora Casarão do Verbo.

MAYRANT GALLO é escritor e professor. Publicou *O inédito de Kafka* (CosacNaify, 2003), *Dizer adeus* (2005), *Dia sim e sempre* (2000), *Recordações de andar exausto* (2005) e *Nem mesmo os passarinhos tristes* (Multifoco, 2010), entre outros livros. Ganhou o prêmio Literatura Para Todos 2009, do MEC, com o novela *Moinhos*. Trabalha no Núcleo do Livro, Leitura e Literatua, da FPC.



Foto: Divulgação

Imagem: Divulgação



A ESTANTE PREMIADA

CAMILA E O ESPELHO

“Algo está causando uma reviravolta na vida de Camila. Ela se deu conta de que já não é mais aquela menininha que adorava brincar de bonecas. Algumas coisas diferentes estão acontecendo com o seu corpo e mexendo com ela. Por isso, tantas horas na frente do espelho. Tantas horas tentando entender o que se passa. Isso sem falar nos meninos. Ah, os meninos...” (Lília Gramacho)

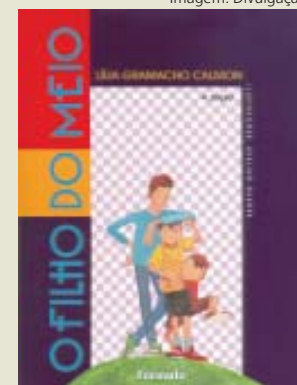
SIDARTA

Não veria o inverno, aquele ano, com os termômetros loucos, marcando 17 graus na cidade quente. Nem as ondas, no Flamengo, espargindo sobre as rochas seu salitre. Em março, sumiria na floresta de Bara, como Ram, o novo Buda, encarnação do lendário príncipe. E, após a morte, em sono, em sonho, reapareceria. Outra vez. Tão docemente, como se, em suas entranhas, as raízes de peepal iluminassem, em fogo santo, as vestes. Só o verão guardaria nos olhos, levando aos horizontes de Lumbini. (*Ticket zen*, Kátia Borges)



Imagem: Divulgação

Imagem: Divulgação



O FILHO DO MEIO

“Ser o filho do meio pode ser muito, muito chato. Era o que achava o narrador desta história, até que pensou melhor e descobriu uma coisa muito bonita...” (Lília Gramacho)

MOMENTO

Tarde... Nenhuma vontade, nenhum sonho... O dia acabando, o sol morrendo... Eu também morrendo. A última cena de Encontros e desencontros me passando por dentro... (Mayrant Gallo)



Imagem: Divulgação